

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

— ANNO I—20 DE NOVEMBRO DE 1881—N.º 40—

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 2500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 12500
Trimestre ou 13 700
Avulso 60

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

Anno ou 52 numeros..... 75000 réis
Semestre ou 26 numeros..... 35000
Trimestre ou 13 25000
Avulso 200

SUMMARY

GRAVURAS:—Alphonse Daudet; O ultimo esteio; Presentes de noivado; Um baptizado musulmano.

TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Domingo historico, por A. O.; Divorcio-mos, por Urbano de Castro; Horas d'ocio; Sciencia popularisada, Atravez da Siberia, por Victor Tisset e Constant Améno; Correspondencia.

ACTUALIDADES

O novo livro de Alphonse Daudet, cujo recente apparecimento em volume é para mim mil vezes mais importante do que o apparecimento tambem

Numa Roumestan, em quem muitos querem reconhecer nem mais nem menos do que Gambetta e em quem, conscienciosamente, se podem encontrar parecenças apenas, é o typo do *parvenu* provençal.

d'armas da *segunda conquista da Gallia pelos latinos!*

Este caracter, grandioso e pueril, brilhante e ordinario, feito das coisas mais contradictorias d'este mundo, de talento e de banalidade, de energia e de tibieza, consegue perturbar na serenidade virginal



ALPHONSE DAUDET.

recente do novo ministerio, não é sem duvida o melhor da sua consideravel obra, o que o não impede de ser um esplendido e maravilhoso trabalho.

O livro estava para se intitular *Nord et Midi*. Ou porque julgasse esse titulo vasto de mais para a sua tela, ou porque o seu criterio artistico lhe indicasse que a figura do primeiro plano era a que devia em prestar o seu nome ao romance, elle chamou-lhe simplesmente *Numa Roumestan*.

A sua organisação plethorica e trasbordante, a sua loquela, cicatrizada de imagens e inflammada de côres vivas, em breve o lança no caminho da prosperidade politica. Logares communs, sonoros, e doces, mas lançados a proposito, ferindo a occasião propicia em pleno peito, içam-n'o á altura da mais incondicional popularidade. Um ultimo discurso mais retumbante e mais variado do que os outros, fal-o ministro. E' a sua ultima victoria, um dos feitos

da sua existencia a mais encantadora e fina alma de mulher que a poesia tem creado. Deslumbrada pelas tirades esplendidas do habil declamador, pelas suas attitudes do mais vivo dramatico, pelas suas invocações ás grandes virtudes humanas, ao estoicismo, á justiça, ao sacrificio, pelo seu programma formulado a cada passo com esse esplendor de forma e de estylo, em que o sol de Provença se espelha, essa creatura, fina, sensivel, superior, julga ter

encontrado o seu ideal na terra e sente-se feliz em lhe ligar o seu destino.

Em breve a desillusão começa. O grande homem principia a agachar-se. Tudo o que havia de brilhante, de esplendido, de lentejoulante, desaparece deixando ver o lado fraco, vulneravel e banal d'aquella natureza enganadora. O orador intransigente e inspirado revela-se o que realmente é, um compendio de rhetorica vivo. Mas uma ultima desillusão vem completar o desabamento. A esposa de *Numa Roumestan* surprehende-o um dia no mais infame e reles adulterio em que é susceptível de chafurdar um grosseiro conquistador de coristas. E' esse o ultimo golpe, que ao mesmo passo que mata no coração da esposa o amor hesitante ainda, lhe apunhala nas entranhas um filho que ia nascer.

O estudo paralelo d'estes dois caracteres é o que eu conheço de mais perfeito, de mais commovente, de mais extraordinario na arte contemporanea. Os episodios porém attenuam esta impressão. Ha um maldito *troubadour* provençal, por signal, um perfil admiravelmente contornado, que deixa em todo o volume uma especie de baba viscosa e repugnante. A paixão que esse homem inspira a uma gentil creaturinha, em cuja descripção Alphonse Daudet empregou tudo quanto na sua palheta havia em cores delicadas, em suaves meias tintas, em nuances encantadoras, lança no espirito de quem lê a impressão d'uma involuntaria offensa, e é necessario todo o prodigioso talento de escriptor de Alphonse Daudet, toda a sua sensibilidade de estylo, todo o seu inextinguível poder de linguagem para tornar accetavel o que ha de absurdo n'aquella monstruosa paixão.

O primeiro capitulo d'este romance é o que existe de mais sobrenatural e de mais poderoso na arte da descripção. E' a aguarella mais resplandecente que tem sahido do pincel d'um colorista. A festa agricola nas arenas de Aps, velho circo romano, onde outr'ora cabiam os christãos sob as garas monstruosas das feras, e onde agora eram victorizados os mais robustos bois, a animação, o bulício de vinte mil pessoas, reunidas no vasto amphiteatro, os gritos da multidão, as exclamações de timbre estranho, pronunciadas n'uma lingua ensopada de sol, os trajos, os gestos, as expressões de todos aquelles corpos irrequietos, de todos aquelles rostos de cores vivas, o estridor de toda aquella aglomeração de vozes humanas e animaes que se condensavam no fundo do circo, como no fundo d'uma enorme marmitta, para se volatilisarem depois em mil vozes dispersas nas regiões da atmosphera, onde volteavam os pardaes, tonsos de alarido — todo este complexo formidavel de traços, de notas e de cores, acha-se reproduzido na prosa de Daudet como o poder fazer um aparelho prodigioso e ainda não inventado, que reunisse n'um organismo só as propriedades independentes e maravilhosas do telephone, do phonographo e da machina photographica. Ha um momento em que a energia do seu estylo chega a uma crise de intensidade que escapa á phantasia e á concepção mais larga. E' aquella em que descreve a marcha da *farandola*, a dança provençal classica, desenrolando a sua espiral atravez das galerias do amphiteatro, acompanhada pelo rhythmo arrebatador e quasi selvagem do tambor e do pifano do tamborinário Valmajour. Tudo aquillo grita, canta, fulgura, e mais do que nunca o sol de Provença, com os seus vermelhos e rutilantes ardores, despejou a sua urna de cores resplandecentes no tinteiro do meridional Daudet!

Passando porem do livro ao homem, chamamos a

atenção do leitor para o retrato que o *Jornal do Domingo* publica hoje e que é bem o retrato d'um grande e sublime artista. Aquella larga fronte, aquelles olhos investigadores e penetrantes, aquelles faces melancolicas, aquelle nariz finamente esculpido, aquella cabelleira espumante, aquella cabelleira que Daudet no prologo do *Nababo* chama, elle proprio, merovingiana, constituem um dos mais bellos e aristocraticos bustos que se podem cinzelar no alabastro d'uma carne patricia. Estamos bem longe da grossa cabeça burgueza, do pescoço taurino e dos olhos strabicos do violento Zola e mesmo da physionomia dolorosa e torturada dos Goncourt. Alli existe a suprema serenidade, a finura ironica, a sensibilidade exquisita, a harmonia musical de contornos e todas essas qualidades superiores vão encontrar-se depois nos seus livros centuplicadas de energia!

Nunca ninguém escreveu como Daudet em França, nunca a linguagem chegou ao grau de ductilidade e de excitação nervosa que elle soube imprimir-lhe. Gautier elle proprio, com a sua torrencial abundancia de imagens, com a sua impecavel correção, com a esculptural disposição de todos os seus recursos de escriptor, não consegue em 10 paginas de deslumbramentos dar-me d'um objecto, d'uma situação, d'uma phisionomia a impressão que Daudet consegue fixar em 10 linhas. Elle acha o drama em tudo, no sensível, no inerte. Os animaes, os moveis, as decorações, os objectos materiaes e estupidos ganham sensibilidade e vida affectiva, soffrem, amam, pensam, são personagens e não comparsas. Ha no *Fromont jeune* uma conversa entre um certo *fauteuil* e uma velha poltrona, que é talvez a pagina mais dilacerante do livro. Aquelle *ouistiti* que morre n'uma noite de dezembro, arrebentado sobre uma calçada de Paris, depois de haver sido arrancado ao seu leito de plumas pela mão irritada d'uma mulher trahida e arremessado pela janella fóra, faz vir um soluço á garganta. Aquelles passaros de cores esplendidas, aquelles *colibris* de azas de esmeralda cujos olhos fechados pela morte, Desirée Delobelle substitue por contas de vidrilhos, e cujas azas ella espalma sobre a palha fina dos chapéus de preço, aquellas pobres aves que tanto se assimelham á alma da infeliz e desditosa aleijada por terem com ella habitado emquanto vivas uma região quasi chimérica á força de resplandecente, não são personagens verdadeiros, episodicos simmas não menos importantes por isso, que deixam no romance uma nota de ineffavel melancholia?

Zola, com todo o seu poder de forma, com toda a sua minudencia de observação, com toda a sua energia de talento, não conseguiu por emquanto pôr de pé, vivo, humano, sentido, mais do que um personagem, Coupeau. Daudet, inferior a Zola na muscular robustez de concepção, tem creado uma galeria completa, immortal, porque é sempre viva, palpavel, cujos exemplares se encontram a cada passo, nos fallam, nos amam, nos odeiam, nos acotovelam no caminho, Sydonie, Delobelle, Monpavon, Elisée Meraut, Amaury d'Argenton, Labassindre e todo esse rebanho ululante, gritador e esplendido de realidade, a que elle deu este nome expressivo: Os *ratés*.

É esta a grande e maravilhosa superioridade de Daudet sobre Zola; e se alguma coisa ha de mais sublime do que o talento dos dois, é a grandeza, a independencia, a rudeza adoravel com que o proprio Zola o declara.

AS NOSSAS GRAVURAS

ALPHONSE DAUDET. — Veja-se o artigo *Actualidades*.

O ULTIMO ESTEIO. — Ha um grupo immortal na velha tradição hellenica: é o grupo de Edipo e de Antigona. Os modernos em geral não comprehendem a sublimidade dos assumptos da tragedia grega; o pathetico de Eschylo e de Sophocles, que tinha suspensos e fascinados os espectadores dos theatros athenienses, deixa-nos frios e sem lagrimas; admiramos a grandeza da obra e o vigor do architecto, mas não nos commovem desventuras que não percebemos; o pathetico de Euripedes, do tragico tão accusado por Aristophanes de estragar o gosto e de enervar o publico, chega-nos mais ao coração, porque as paixões, que esse *romantico* da velha Athenas agita no palco, são d'aquellas que o sentimento moderno, que o sentimento de todas as idades facilmente abrange e comprehende.

A fatalidade, que desdobra sobre os vastos prosencios as suas negras azas, cujo sopro impelle os heróes inconscientes pela estrada maldita, onde os esperam as desgraças e os crimes, basta para gelar todo o interesse no coração dos espectadores modernos. O desespero de Edipo não o podemos comprehender; não vemos n'elle senão o homem justo e bom, victima de olympicos tratantes que se divertem em transformar em crimes as mais simples acções da sua vida honesta. Atravessa a deshoras um monte, encontra um homem que o não deixa passar, mata-o para não ser morto; pois querem saber? Este homem era seu pae, e aqui temos Edipo já parricida! Segue o seu caminho, e chega a uma cidade afflicta, presta aos habitantes um grande serviço, a instancias d'elles faz o sacrificio de casar com a rainha, viuva inconsolavel que morria por ser consolada; pois esta rainha madura, que ainda namora rapazes, era nem mais nem menos que sua mãe!

Representem uma peça d'este gosto diante de uma platêa moderna, e verão que medonha pateada a acolhe. É necessaria uma certa erudição, um certo conhecimento do genio, das tradições, da indole do povo e da poesia grega, para que, repondo a scena no meio dos seus accessorios indispensaveis, se comprehenda e se aprecie o que ha de grande n'esta sublime tragedia.

Apenas comtudo começa a expiação dos imaginarios crimes, o drama torna-se humano, e a commoção dos athenienses, abrangendo o mundo inteiro, adquire os fóros de immortal. Não é a victima da fatalidade que o mundo contempla com dó profundo e profunda veneração, é simplesmente o velho que a desgraça fulminou, o proscripto que a terra inteira repelle, o mendigo em cuja nobre face a desgraça apagou a luz dos olhos, e que percorre o mundo, encostado ao hombro de Antigona, da innocente filha que lhe é unico amparo e guia. Esse grupo sublime é o que fica deveras gravado na memoria de todas as gerações, é o que a todos arranca lagrimas, é o que ha de inspirar por toda a extensão dos seculos o talento dos artistas, o êstro dos poetas.

O contraste do homem forte prostrado pelo infortunio e amparado pela innocencia, do velho muro alluido que a hera fragil esteia, do baobab fulminado pelo raio em torno do qual se enlaçam amorosamente as escarlates bromelias, do carvalho lascado que a roseira cinge e perfuma, sempre, sempre fascinou a imaginação dos homens. A esse outro Edipo moderno, fulminado pela desgraça, meio louco, soltando os

cabellos desganhados ao sopro do vendaval, confundindo com os gritos da procella os seus gritos de desespero, ao rei Lear emfim, deu também Shakespeare uma Antígona no doce vulto de Cordelia. André Chénier, esse grego de Byzancio, que pôz aos lábios a taça de leite e mel da poesia homérica, ao apresentar-nos em scena o grande velho de Smyrna, ainda que seja o quadro risonho, não se esqueceu de pôr ao lado do sublime cego os pastorinhos meigos e alegres. Homero canta, e as crianças de lábios em flor escutam. É ainda o grupo de Edipo e de Antígona, mas illumina-o um raio de sol.

Esse grupo escultural fulgura sempre na imaginação dos artistas, como fulgurou na phantasia dos poetas. Seja qual fôr o assumpto que representem, desde o momento que um pobre e velho cego se ampara a uma criança em plena primavera, podemos estar certos que o artista se lembrou d'esse modelo immortal de Edipo e Antígona. Foi o que fez o auctor d'esse formoso quadro que a nossa gravura representa.

A cegueira é uma das enfermidades que a arte facilmente poetisa. Esses rostos sem luz parece que uma irradiação interna os illumina. Com as orbitas vazias, como nas estatuas, o rosto de um cego parece adquirir por esse facto não sei que de esculturat. Vivendo no mundo, é ao mundo estranho. Solitário no centro do turbilhão, quem sabe o que se aninha nos seus recessos sombrios! Aquelle para quem se apagam as luzes do corpo, deve ter mais vivida a luz do espirito. A attenção deve concentrar-se n'esse mundo intimo, tão rumorejante, tão cheio de vida e esplendor como o universo. «Na noite que me rodeia, dizia Milton, a luz da divina presença brilha para mim com mais viva intensidade. Deus contempla-me com mais ternura e mais compaixão, porque só a elle o posso ver.» Thomaz Ribeiro, n'uma das suas bellas poesias, os *Cegos*, exprime admiravelmente, na magnifica linguagem de que dispõe, o que em humilde prosa quizemos dizer:

Nos carceres, que em torno a mim contemplo,
julgaes que as pobres almas escondidas,
chorosas com seu luto, esmorecidas,
não terão para orar intimo templo?

Se a abobada é sombria, ha luz no centro,
onde calida prece o peito exhala,
Nas janellas se a luz bate e resvala,
accendem-se os sacarios lá por dentro.

Servem de altares cinerarias tumbas,
o amor pede mysterio onde se acoite,
festas a Deus também por alta noite
celebravam christãos nas catacumbas.

E, depois se o cego nem sempre o foi, se pôde contemplar um dia só as maravilhas da natureza, quando se lhe cerra o carcere de que esplendidas visões lhe não fica illuminado! Quando nós fechamos os olhos e nos bate nas palpebras a luz ardente de um sol de verão, como vimos scintillar na sombra fitas de ouro, e azul e purpura! Para elles, que tem sempre as palpebras fechadas a luz do mundo externo, quando o sol cá fóra irradia, ha de lá dentro accender-se-lhes um caleidoscópio maravilhoso. Ha-de a phantasia pintar-lhes o quadro idealizado da natureza exterior hão-de ver aquillo de que um grande cego nosso compatriota nos fez a confidencia sublime na introdução das *Cartas de Echo e Narciso*:

Se a natureza me negou seus quadros,

se os fracos olhos meus não descortinam
o sublime espectáculo dos campos

c'o as musas meditando eu sinto, e goso
novas scenas phantasticas, risonhas

Dou rebanhos ao campo, aves á selva,
e graça a todo o mundo e luz ás sombras.

Era ainda isso o que Victor Hugo dizia nas *Contemplações* a um poeta cego:

Chante! Milton chantait; chante! Homère a chanté!
Le poète des sens perce la triste brume,
L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté;
Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume

É o reflexo d'esse mundo luminoso interior que dá ao rosto dos cegos tão augusta expressão; n'essas feições veladas corre como que a vaga transparencia da lampada intima, e por isso contemplando a bella physionomia do cego da nossa gravura olvidamos que não é elle mais, talvez, do que um homem vulgar, e curvamo-nos diante d'esse vulto que a desgraça fez augusto, como que vemos n'elle a synthese dos sublimes cegos: Homero, Milton, Ossian, que, do seio das suas trévas, foram para a humanidade pharoes resplandecentes.

PRESENTES DE NOIVADO. — O quadro, que a nossa gravura representa, pertence á escola ingleza, escola pouco conhecida entre nós, e que sem ser das mais notaveis, tem contudo o merecimento de ser eminentemente nacional. São scenas de costumes, pequenos acontecimentos da vida de familia, que os quadros de genero dos nossos fieis alliados habitualmente representam. Lumley, auctor do quadro «Presentes de noivado», é estimadissimo pelos seus compatriotas, não pelos grandes effeitos de luz e de estylo, que o genero que adoptou não comporta, mas pelo modo admiravel como sabe dar ideia dos diferentes estofos, das scintillações do setim e dos matizes resplandecentes do velludo. Wilkie e a sua escola seguem diverso caminho, vão procurar os seus assumptos ás tavernas de aldeia. Lumley segue outra corrente e move-se n'outro meio.

UM BAPTISADO MUSULMANO. — Respeitamos o titulo que o sr. Eckout poz a um outro dos seus desenhos representando scenas da vida musulmana em Marrocos, mas realmente, se a cerimonia corresponde pouco mais ou menos na vida musulmana á cerimonia do baptismo na vida christã, não se pode chamar baptisado a um acto que é simplesmente uma circuncisão.

Celebra-se porem com grande pompa essa cerimonia que entre os judeus se pratica quando a criança completa sete dias, e entre os maometanos quando completa sete annos, o que será já sem duvida extremamente doloroso. O pequeno porem que a nossa gravura representa não parece ter nem por sombras a idade da lei.

O neophyto, ricamente vestido, e com a cabeça coberta de flores, vae ao collo de um dos membros da familia, que monta n'um cavallo ricamente ajazado, precedido por um porta bandeira e acompanhado por musicas tocando diversos instrumentos.

No percurso encontram-se, rezando, numerosos santões ou cherifes, cujo chefe tem de proceder á cerimonia. Antes d'isso, este, vestido com o *haik*

tradicional, e acorçado n'uma esteira, absorve-se largamente nas suas pias meditações.

Acrescentemos que o povo marrequino leva a sua devoção ao extremo. Ultimo ramo da arvore musulmana, e mais afastado do centro, fica separado pela Africa inteira do tumulto do seu propheta, mas a immensidade da distancia (200 leguas) e os perigos innumeraveis não o impedem de fazer a sua romaria a Meca.

O DOMINGO HISTORICO

1535 — Nuno da Cunha lança os primeiros fundamentos da fortaleza de Diu

Desde os primeiros tempos do nosso dominio no Oriente pretenderam sempre os portuguezes erigir uma fortaleza na costa de Cambaya, no lugar onde ficava a cidade de Diu, mas apesar das continuas instancias feitas pela corte de Lisboa a todos os governadores da India, não podera nunca esse projecto ser levado a execução.

Nuno da Cunha, encarregado em 1526 do governo das nossas possessões orientaes, sahio de Lisboa com o firme proposito de levantar a fortaleza, e proseguindo vigorosamente na guerra contra o sultão de Cambaya, aprestou uma numerosa armada com a qual se fez de vela para Diu. A ilha de Beth cahiu em poder dos nossos, mas a cidade resistiu aos primeiros ataques e Nuno da Cunha, um tanto apressadamente, voltou para Goa.

Parecera que a desejada construcção ainda se realisaria, quando as invasões dos negocios na Cambaya fizeram com que o soberano d'esse paiz se lançasse nos braços dos portuguezes, aos quaes mandou pedir auxilio com grande empenho, offerecendo ao mesmo tempo o lugar que escolhessem em Diu para a appetecida fortaleza.

Acceitou logo Nuno da Cunha a proposta, e partindo para Diu obteve n'essa occasião tudo quanto ambicionava, mostrando-se o sultão tão affeiçãoado aos nossos, que com elles estava sempre assistindo ás obras presenteando-os constantemente e ordenando aos seus subditos que nada lhes recusassem.

A noticia de tão feliz e desejado acontecimento foi trazida ao reino pelo arrojado Diogo Botelho Pereira, que fez a viagem n'uma pequena frota, e a fortaleza que em breve ficou concluida foi posteriormente theatro de combates heroicos, que constituem talvez a pagina mais esplendida de todas as façanhas militares dos nossos antepassados no Oriente.

A. O.

DIVORCIEMO-NOS

Diz muito bem minha querida Cypriana! — divorciemo-nos!

Pois, afinal de contas, o que vem a ser a vida, desde o instante em que nascemos, até ao momento em que um coqueiro indifferente atira para cima de nós essa meia duzia de pás de terra, em que vae envolvido o esquecimento dos vivos, — senão um divórcio sem solução de continuidade?

O divórcio, sempre o divórcio!

Começamos por nos divorciar do ventre materno — grande disparate em que não cairíamos se soubermos como isto é cá por fóra — divorciamos-nos da infancia, — dos ditos dias de infancia em que diziamos papá, mamã, — como Clarinha e Lange no dueto da *Senhora Angot* — divorciamos-nos da adolescencia, da mocidade...

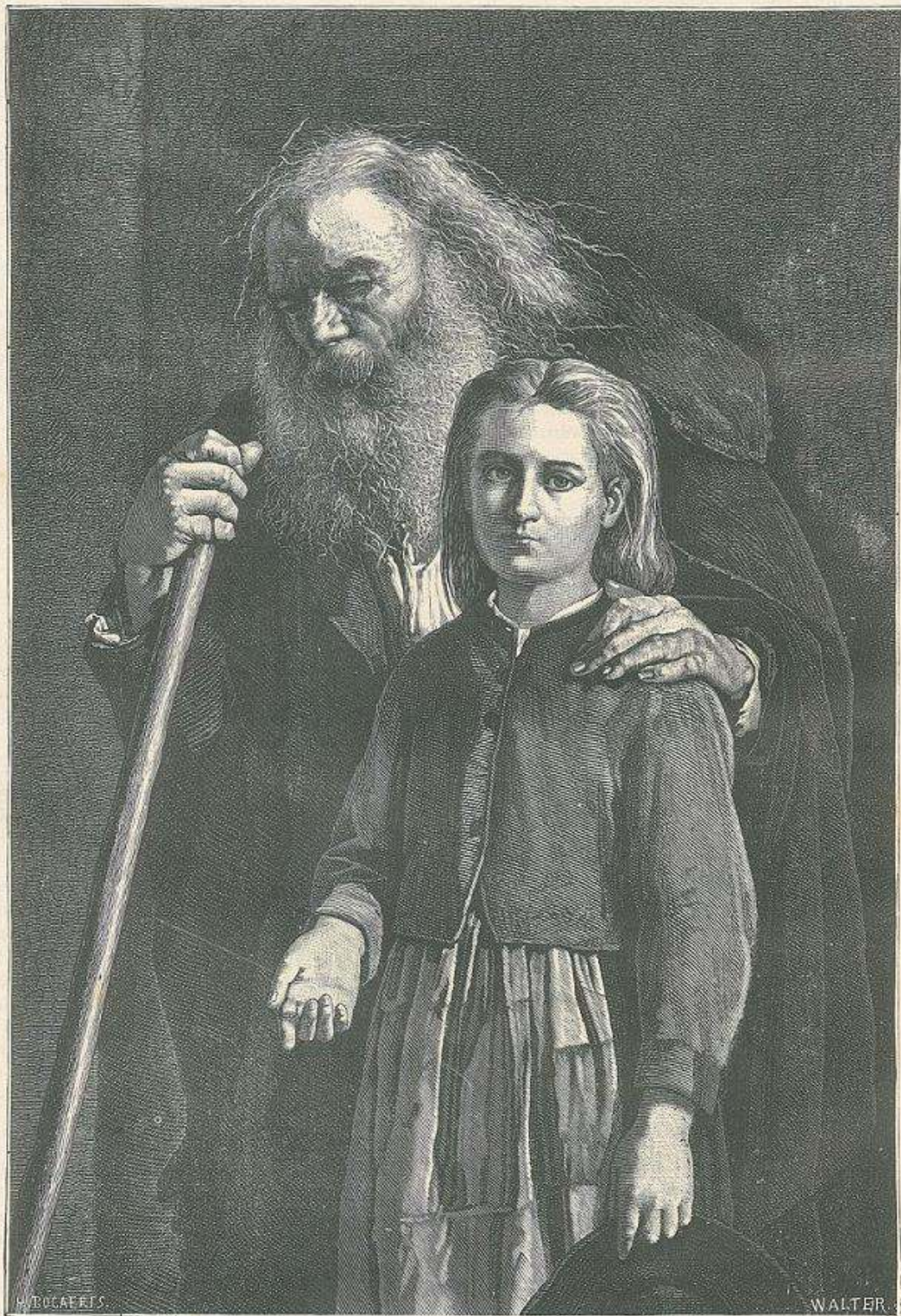
Ah! como é duro e cruel este divórcio!

De tudo nos quieríamos divorciar, — das honras, dos títulos, das distincções, dos applausos da multidão, dos confortos que dá o oiro, dos triumphos, gloria, de tudo, — excepto d'esta alegre e querida esposa, um pouco doida, leviana, phantasista, sonhando ideaes, vivendo de chimeras, adorando o ruido

gada, não tens ciúmes das nossas alegres ceias, — não nos reprehendes por um beijo que ia ser dado na face, escorregar um pouco pelo pescoço... És meiga, affavel, cheia de indulgencias. Possues todas as qualidades boas... N'uma palavra, és uma esposa cujos maridos não tem sogra! Ideal! como dizia o Ribeiro não sei em que peça.

que consiga desviar-te d'esse proposito. Não temos remedio senão acceder aos teus desejos.

Escusa a gente de se dar ares de que ainda é teu marido: alguns, muitos, tem essa mania. Tempo perdido! No momento em que tu declaraste o divórcio, embora nós conservemos o maior silencio a tal respeito — todos o sabem, todos o *veem*, melhor do



O ÚLTIMO ESTEIO.

das festas, — para quem a vida é o prazer, a felicidade a alegria, o perigo a mais deliciosa sensação!

Ah! querida esposa, a ti sim, a ti, desejariamos viver eternamente ligados! Não és rabugenta, não te zangas connosco por chegarmos a casa de madru-

Mas, lá chega um dia em que tu, mofina Cypriana, ou quero dizer, querida mocidade — te lembras de nos abandonares, — queres por força divorciar-te, e não ha telegrammas falsos, não ha jantares com *champagne frappé*, — não ha estratagemas, por mais fino,

que se tivesse sido publicado no *Diario de Noticias*, melhor do que se fosse annunciado a pipiano e tambor!

Escusam de pintar-se meus senhores, — em vão se rebocam; não ha pinturas, não ha cosmeticos,

não ha crescentes, nem ha chinós que consigam encobril-os! Estão divorciados para sempre!

E a culpa, em parte, é dos senhores: para que andavam por ahi a tripudiar com a esposa, com o ar tranquillo de quem tem lá em baixo, á porta, a eternidade ao seu dispôr, como um coupé que se aluga ás horas?

sim nos não abandonava como Cypriana não abandonou o marido.

Isso é que seria deveras um triumpho... Experimente amigo Sardou. Quem sabe?

Até se simplicava o final da peça; em vez de «Codigo e camarões» bastavam os camarões.

Que importa o codigo a quem tem vinte annos?

res sem folhas, o vento a ramalhar nas carvalheiras, a fria nortada do tédio a assobiar aos nossos ouvidos a funebre symphonia da velhice... A velhice! A e-a-de sorvada! Começa a deixar-se de ser fructa de ramo, principia-se a ser... fructa do chão.

Triste, muito triste! Debalde clamamos: — basta de divorcios, — não queremos mais! Deixem-me ao



PRESENTES DE NOIVADO.

Ah! contra este divorcio é que eu queria que o sr. Sardou se revoltasse, — que todo o seu talento, toda a sua intelligencia, todos os seus argumentos, todos os seus brilhantes sophismas, os empregasse elle contra esta esquiva mocidade, a vêr se ella as-

Mas, — como este mas é melancholico — os divorcios não param na mocidade. Passados annos, divorciamos-nos do que é uso chamar-se «a edade madura». Maduro! Que triste adjectivo e como elle já faz lembrar o inverno, o asperissimo dezembro, as arvo-

menos socegado a este canto. Eu pouco exijo — prometto não ir com a minha presença afugentar a alegria do mundo... Deixem-me, deixem-me! Já que me não consentiram que eu vivesse com essa querida esposa que tanto amei, a minha alegre mocidade,

— permittam-me viver com esta velha rabujenta, com a minha trémula velhice. Já estamos acostumados um com o outro... Deixem-me com ella, e com os meus netinhos!

— Não, não! Tu és fructa do chão, a fructa do chão apodrece: da podridão nascem os miasmas, os miasmas geram as epidemias. Tem paciência, falta ainda um divorcio. Socega, é o ultimo, — e chama-se o repouso. Depois, que diabo te pode isso custar? Pois ainda te não costumaste aos divorcios? Que tens feito durante toda a tua vida senão divorciar-te? Que te pode agora custar que a vida se divorcie de ti?

E acabou-se. Chegou o ultimo divorcio.

Diz muito bem minha querida Cypriana — divorciemo-nos!

Eu sou pelo divorcio, e tanto que me divorcio já d'este artigo onde ha esta rara qualidade: — de ser triste como uma nênia tendo por assumpto uma das mais alegres e espirituosas comedias de que eu tenho memoria.

URRANO DE CASTRO.

HORAS DE OCIO

Enigma horto-commercial

Formar com duas flores uma moeda de ouro de réis 7500.

J. M. F.

Pergunta indiscreta

Qual é o rio mais feroz e qual é o rio mais meigo do mundo?

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Anagramma

Se me leres ás direitas,
Tens um nome portuguez;
Se me leres invertido,
Encontras nome francez.

Se uma voltinha lhe dêres
Fico sendo transparente,
O todo tem quatro letras,
É nome de heróe potente.

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Enigma pittoresco

Offerecido ao distincto caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro



Soluções dos problemas do n.º 38

Palavras em triangulo:

P A R I S
A F I A
R I O
I A
S

Pergunta indiscreta. — Beja, que era Paz Julia, Alcaccer do Sal, que era Urba Imperatoria.

Enigma anagrammatico. — Animal, Lamina.

Embrulhada lexicologica:

1.º — Vestes, Injuria, Rival, Intriga, Algoz, Troia, Odor.

2.º — Viriato, Salazar.

Nota. — Não tendo recebido solução alguma do problema do jogo de dominó, que pela sua novidade embaraça provavelmente os nossos leitores, adiamos a sua solução para o n.º 41.

Soluções certas

Palavras em triangulo. — B. M. (Vianna do Castello), Vasco (Coimbra), Benedicta Barros (Setubal), A. C. de Magalhães, Dois Estovados.

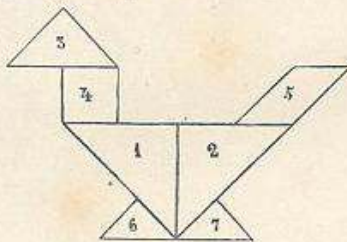
Pergunta indiscreta. — Edipo, Benedicta Barros (Setubal), Carmelita, X. Y. Z.

Enigma anagrammatico. — Manoel Antonio Coelho Zilhão, Feto y Macho, B. Lessa, Edipo, Carmelita, X. Y. Z.

Embrulhada lexicologica. — Augusto Guterres de Oliveira Santos, Ornato (Caminha), Manoel Antonio Coelho Zilhão, B. Lessa, Vasco (Coimbra), Nadege (Coimbra), Dois Estovados, Francisco Augusto Nunes Ponsão.

Solução do n.º 37

Problema geometrico:



SCIENCIA POPULARISADA

Exposição de Electricidade em Paris

III

Todo o systema de telegraphos electricos é constituido por um ou mais conductores, que ligam duas estações, e em cada uma d'estas por uma fonte de electricidade (*manipulador*), que transmite a corrente, e por um *receptor*, que serve para observar ou registar a passagem da corrente enviada pela outra estação. Alem d'isso ha tambemapparelhos secundarios, cujo fim é facilitar o serviço.

Os fios conductores são aereos, subterraneos e submarinos. Os primeiros fabricam-se ordinariamente de ferro galvanizado; os segundos e terceiros são feitos de cobre.

São variadissimos os systemas de apparelhos empregados na telegraphia, baseando-se todos ou quasi todos nos principios, que já descrevemos; e por tal forma se succedem as simplificações e substituições para facilitar o serviço e diminuir as despesas, que ninguém pode prever a que ponto chegarão os progressos d'esta utilissima applicação de electricidade. Pode amanhã surgir uma descoberta, que venha lançar por terra os systemas actualmente empregados, não sendo para espantar que o telephone, de que já

vamos occupar-nos, seja em breve chamado para modificar profundamente as relações telegraphicas.

É chegada a occasião de entrarmos verdadeiramente no estudo da *Exposição de electricidade*. Começemos pelo:

TELEPHONE. De todas as invenções do homem nenhuma é talvez tão maravilhosa como o *telephone*.

Conforme está indicando o seu nome, composto de duas palavras gregas — *tele* longe e *phone* voz — este apparelho serve para transmitir a voz, a palavra articulada a uma consideravel distancia, que poderá ser um dia illimitada, como succede para a telegraphia electrica. A communicação effectua-se por meio de um fio electrico, que liga o *transmissor*, deante do qual se falla, com o *receptor*, por meio do qual se ouve. N'esse receptor existe uma chapa de metal muito delgada, que vibrando reproduz com a maxima fidelidade as inflexões e o timbre de voz de quem falla na outra extremidade do fio.

Por consequencia a chapa tem uma voz humana, a voz d'um pae, d'um amigo, d'uma pessoa amada, que se pode ouvir, reconhecer, com quem se pode fallar, conversar apezar da distancia.

«O que pode haver no mundo, que maior assombro nos cause, que mais incrível se nos affigure? Que espirito visionario, que imaginação vagabunda poderia sonhar n'esta conversação de duas pessoas separadas por muitos kilometros?»

O assumpto é de molde para fazer vibrar não só a chapa metallica do telephone, mas tambem a corda do sentimentalismo do leitor; mas o nosso dever é estudar apenas como vibra a primeira. Nada temos com a segunda. E, se d'ella quizessemos fallar, seria unicamente para dizer que o telephone deu profundo golpe no mais vago, no mais indefinivel sentimento do coração humano. Esse sentimento, que só encontra em portuguez o termo, que pode traduzil-o rigorosamente, esse sentimento *gosto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinho*, achou na invenção de Bell um competidor terrivel, um inimigo cheio de força e de energia, que transporta não só a alma, senão tambem a voz, a palavra, o som de um beijo, que envia o *vago amante á amada inconsolavel*.

Por mais incríveis que pareçam os resultados obtidos com o telephone, a ninguém é licito duvidar da sua existencia. É um facto scientifico, verdadeiro, a que se chegou por meios de extrema simplicidade. Ainda assim, ninguém pensa n'esses resultados sem experimentar outra vez a admiração de que foi tomado o mundo inteiro, quando N. Graham Bell apresentou o seu invento em 1876 á Associação scientifica de Boston. Foi geral, unanime, o entusiasmo, que excitou; mas, passado pouco tempo, foi embaciado o brilho d'aquelles triumphos pelas criticas rigorosas e injustas, e pelas reclamações de prioridade no descobrimento.

Como succede sempre com as grandes invenções, descobriram-se predecessores de Graham Bell. Alludiu-se aos trabalhos de Page, que em 1844 tinha descoberto que uma haste magnetisada produzia um som, quando modificava a sua força magnetica fazendo passar uma corrente electrica variavel atravez de um fio enrolado na haste. Recordaram-se os ensaios de Reiss, sendo a paternidade da invenção disputada mais seriamente por M. Elisah Gray, que depois de ter inventado em 1874 o telegrapho harmonico, procurou transmittir a voz com o auxilio de apparelhos de membrana metallica.

Seja como for, se a lei franceza, que rege os privilegios de invenção, não poudesua inflexibilida-

de severa conceder a Bell o privilegio pedido, e Franca pela voz autorizada da Academia das sciencias, attestou o grande valor do seu invento, conferindo-lhe o premio *Volta* de nove contos de réis estabelecido para recompensar a maior descoberta em electricidade, e que só fôra concedida vinte annos antes a Ruhmkorff, o habil constructor da *bobina* de indução.

Descrevamos o *telephone* de Bell. Este *apparellho*, cujo *transmissor* e *receptor* são identicos, consta de tres partes essenciaes: uma chapa de ferro muito delgada, especie de membrana metallica; uma haste de ferro magnetizada, que tem um dos polos em frente da membrana; e uma *bobina* (*apparellho* electrico de indução). Os fios da bobina do transmissor prolongam-se por meio de outro fio, que vaie ter á bobina do receptor.

Como funciona o *apparellho*?

Quando se falla, a membrana metallica vibra com a voz, que lhe communica fielmente todas as inflexões da palavra articulada. Esta chapa de ferro, aproximando-se mais ou menos do polo do iman, modifica o seu estado magnetico, e essa modificação gera na bobina correntes electricas, que percorrem o fio até o receptor. Ahí repetem-se os mesmos phenomenos em sentido inverso. As correntes, atravessando a bobina do receptor, fazem variar a intensidade magnetica do iman, que, influenciando mais ou menos a membrana, obriga-a a vibrar nas mesmas condições, em que vibra a membrana do transmissor. A palavra acha-se pois reproduzida de uma a outra extremidade do fio.

Existe aqui um phenomeno, que deve chamar particularmente a attenção no modo como funciona o *telephone*: é o desenvolvimento produzido pela voz, d'essas correntes de electricidade, que atravessam o fio telephonico, e que são como que a tradução electrica das vibrações sonoras e vocaes.

Ha duas especies de *telephones*: o *telephone* magnetico, que descrevemos; e o *telephone* de pilha, em que o *apparellho* não é posto em movimento pela força da voz, mas por uma corrente electrica, servindo a voz unicamente para modificar a intensidade da corrente.

Grande numero de investigadores procuraram, logo depois de ser conhecida a invenção de Graham Bell, modificar e melhorar a obra primitiva. De todas as modificações apresentadas a melhor é, sem duvida, a de Edison.

O *telephone* de Edison baseia-se na seguinte propriedade: um corpo mau conductor, como o carvão, por exemplo, oppõe á passagem da corrente uma resistencia, que varia segundo as pressões, a que o mesmo corpo é submettido. Servindo-se sempre da membrana metallica para receber as vibrações da voz, Edison pôe-na em contacto com uma pastilha feita de negro de fumo (carvão). O transmissor Edison tem tambem uma bobina de indução, que augmenta consideravelmente o poder da transmissão. Depois d'este systema ser conhecido é que a telephonia principiou a desenvolver-se em larga escala, podendo vencer distancias consideraveis. As applicações do *telephone* já são hoje numerosissimas. Além das que são de immediata utilidade, como as prevenções, avisos nos caminhos de ferro, minas, escriptorios de companhias etc., ha outras cujo fim unico é uma distração agradável. Tal foi a applicação feita na exposição de electricidade em Paris, e que consistiu em estabelecer a comunicação de varias salas do palacio da Industria com a Opera e o Theatro Francez.

Collocaram-se em logar conveniente os transmis-

sores e as suas chapas vibrantes para receberem as ondas sonoras provenientes do palco e da orchestra. Os fios, que partiam d'esses transmissores, vinham terminar nos receptores suspensos na parede da sala de audições telephonicas. Esta combinação produz com referencia ao ouvido um effeito semelhante ao que o stereoscopo produz sobre a vista.

Os visitantes, que entravam na sala, experimentavam uma surpresa agradabilissima ouvindo cantar ou declamar com a mesma clareza e perfeição, como se estivessem no theatro, commodamente sentados no seu *fautuil*.

E — cousa notavel — o ouvido esquerdo ouve melhor o que se passa á esquerda do que á direita da scena, ao passo que com o ouvido direito dá-se o phenomeno contrario.

Todavia, o canto ouve-se melhor do que a palavra. Isto procede, em primeiro logar, de serem as vibrações musicas menos complexas do que as da palavra articulada. Além d'isso, no theatro de declamação, o movimento da scena obriga os actores a tomarem posições muitas vezes oppostas aos transmissores, de sorte que estes mal podem receber as vibrações vocaes. Seria talvez possivel obviar a este inconveniente; mas como não havia tempo de estudar a questão, suspendeu-se a comunicação com o theatro francez e estabeleceu-se com a opera comica.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tisset e Constant Améro

(Continuado de pag. 311)

XXIII

Era necessario que desde esse momento, o sr. Lafleur se transformasse completamente n'um enfermeiro. Não era facil tratar do filho de Yermac. A bala tinha penetrado muito adiante, e o parisiense não possuia recursos de cirurgião. O estado do pobre mancebo piorou com extrema rapidez. Estava perdido...

Alguns dias mais tarde, — á hora da noite, a que Dimitri havia chegado ao acampamento dos fugitivos — tres homens, os dois Yakutes e o tongusse tinham accendido uma fogueira sobre a preia para fazer uma cova.

Quando o fogo desceu até ao nivel do solo, os tres homens cavaram esse solo com o auxilio de fúculos de madeira muito forte. Depois de uma horra d'este trabalho, voltaram á cabana para dizer que a cova já estava prompta.

Passados alguns instantes tornaram a sahir conduzindo um corpo rigido, envolvido n'um panno. Ladislau caminhava adiante d'elles. Tinha na mão uma lanterna para illuminar os pedaços escuros do caminho. Yermac ia atraz, seguido de Yeggor e do sr. Lafleur.

Em redor da cabana uivavam os cães de uma fôrma aterradora. Era o dobrar dos sinos pelos mortos.

Este grupo de homens caminhava por sobre a superficie rugosa do solo atravez de uma lugubre obscuridade e por baixo de um ceo coberto de nuvens. Devia haver mais de trinta grãos de frio.

Chegaram á cova. O corpo gelado foi depositado na terra tambem gelada, e coberto de neve, que teve por todo o monumento. O pobre pae via fazer tudo isto com olhos amortecidos.

Os dois Yakutes tinham preparado uma cruz de madeira. Ergueram-na, e o symbolo da redempção humana ficou destacando salientemente pela sua cor

escura no meio da brancura do gelo. E quando os circumstantes levantaram os olhos para o ceo, viram com surpresa que a lua cheia brilhava no centro e um nimbo crucifero, reproduzindo-se seis vezes no ceo com um effeito sinistro.

A noite polar estendia o seu veo immenso, que as estrellas como que rasgavam com um brilho extraordinario, atravez de um ar frio, uma luz ampla cahia por cima dos pincaros cobertos de neve e do mar vitreo. Aquelle fundo silencio, apenas interrompido pelo uivar dos cães, enchia o espirito de um sentimento indefinivel de mal estar e de terror, como se o imprimisse um medonho e prolongado pezadello, que nada podesse dissipar.

Um só e o mesmo pensamento veio saltar então aquelles tres homens tão affastados do logar, em que nasceram. Yermac, Yegor e o sr. Lafleur foram transportados nas azas da imaginação para os paizes do sol. Quem sabe se os tornariam a ver, ou se se não abriria para elles uma campã fria debaixo do polo? Yegor e o sr. Lafleur deram-se mutuamente as mãos para consolar o pae de Dimitri, e para se fortificarem cada vez mais nas suas resoluções.

— Sr. Yermac, disse Yegor, quer que diante d'este tumulto façamos a promessa de nos auxiliarmos e socorrermos?

— Não, respondeu o chefe de policia; o sr. Semenoff arrastou-me até aqui, eu segui-o sem oppor grande resistencia e para isso é forçoso confessar que a sua coragem devia ter-me impressionado; mas não exija mais de mim.

Os guias Yakutes pozeram-se a caminho no dia seguinte com um vento do sueste, vulgarmente chamado vento quente, que soprava todo o dia, fazendo subir o thermometro acima de zero e amollecendo a neve. A lua illuminava-lhes o caminho; e os cães, que puxavam as nortas, se não afrouxassem na carreira, davam mostras de poder andar mais de doze kilometros por hora.

Ao vel-os affastarem-se com os dois trenós, Yermac, já muito desanimado com a morte do filho, perdeu de todo em todo a esperanza de fugir. Mais taciturno do que de ordinario, regeitava toda a sorte de consolação, todo o conforto. Nadege tentara, sem o minimo resultado, mandar levar-lhe os alimentos por Ladislau. Quando os guias desappareceram, foi elle sentar-se junto do logar, em que Dimitri fôra sepultado. Sob o clarão pallido, que cahia do firmamento, a cruz de madeira parecia ser o centro de um vasto cemiterio.

Ao longe, sobre o mar, na direcção das torres, os gelos desagregados pela acção do calor subito e pelo esforço das aguas livres agitadas pelo vento, faziam ouvir um crepitar continuo e eccoante, que se misturava com o marulho das vagas arremessadas pelo vento contra os promontorios. O oceano Polar sacudia, por alguns instantes, o jugo do inverno.

XXIV

Yermac tinha fome.

Havia uns poucos de dias que, por todo o sustento, tinha só dois «lemmings» especie de ratinhos, apanhados nos laços, que dispozera na planicie pantanosa junto da praia. As raposas e texugos ateimavam em não quererem cahir nos taes laços...

Descobriu tambem varios sitios, em que as raposas tinham occultado muitos lemmings mortos por ellas, como se podia conhecer pelos craneos dos pobres animaesinhos furados pelo dente canino. N'um d'esses sitios Yermac encontrou metade de uma lebre branca. Mas todas essas carnes, alteradas pela

permanencia nos esconderijos, só poderam servir-lhe de iscas para os seus laços.

Elle tinha fome, e não queria acceitar cousa alguma aos companheiros. E apesar das torturas do estomago, em nada se arrependia nem lamentava ter-se separado voluntariamente da vida commum. Comprehendia, contudo, que, se não tomasse alguma resolução energica, estava em risco de morrer de inanição. O abaixamento de temperatura augmentava a aspereza de suas necessidades. As pernas tornavam-se-lhe tropegas, a vista enfraquecia extremamente, a pelle tornava-se secca, descórada, terrea; parecia grudada sobre os olhos, tal era a magreza dos musculos. O pulso mal se percebia; o corpo ia perdendo

Aqueles passeios de faminto atravez dos montes de gelo, por um frio intensissimo, ao pallido clarão da lua, que dava ás aglomerações longiquas dos blocos de neve, proporções enormes e figuras phantasticas, acabavam de esgotar-o. A lua escondia-se ás vezes; vinha do mar um nevoeiro espesso, e a neve cahia açoitada por violentas rajadas de vento.

Armado de um pão, para qualquer eventualidade, olhava para tudo em roda de si com os olhos dilatados pela febre e com a allucinação de um cerebro doente; parecia-lhe que lhe cresciam os dentes; a lingua, com movimentos inconscientes, trabalhava na bôcca, como quando reúne os alimentos mastigados e prepara a deglutição; com o ventre ôcco, e o es-

nos diz já vimos que nos não podemos fiar na palavra honrada dos nossos collaboradores eventuaes. Que Chança era terra portugueza e de alguma importancia, porque até, se nos não enganamos, tem uma estação do caminho de ferro do norte e leste, sabiamos nós, que era villa dizia-nos o auctor da «pergunta indiscreta», e sinceramente não nos passou pela cabeça suspeitar da sua probidade chorographica. Agora verificamos que effectivamente não é villa, se o sr. Pinho Leal não entendeu tambem que nos devia enganar, porque, aqui para nós, a respeito de Chança temos as mais vagas idéas. D'aqui por diante verificaremos as asserções dos nossos correspondentes.

Com relação ao proverbio em estilhaços tambem é verdade que se perdeu um m na imprensa e ficou: *O habito não faz o ongo*; mas, sr. Feto y Macho, quando se parte alguma coisa em estilhaços, pôde algem ter



UM BAPTISADO MUSULMANO

todo o calor, e parecia-lhe que até o alento se lhe tinha gelado. Arrastava-se como quem se levanta a custo de uma terrivel doença.

O somno, que se tornava por extremo leve, já não era um meio reparador. Cahia ás vezes n'uma somnolencia morbida, precursora da agonia. Sentia-se, portanto, presa da mais terrivel provação, que já-mais experimentara em sua vida, tão cortada de situações perigosas e dificeis de soffrer. E todavia, não receiava enfraquecer, chegar a pedir perdão, favor, collocar-se novamente sob a protecção dos fugitivos; o que temia era que a morte o obrigasse a abandonar a perseguição, que jurara aos criminosos; o que temia era não poder voltar a um d'aquelles giros nocturnos, no meio dos quaes a prostração moral e o abatimento physico vinham assaltal-o e atterral-o.

tomago vasio, procurava uma presa, esquecendo-se de que elle proprio, apesar de magrissimo, podia ser presa de algum urso polar disposto a fazer d'elle um opiparo banquete. Olhava em torno de si, e nada podia descobrir que lhe podesse mitigar a fome devoradora. Se encontrasse hervas, que prazer sentiria elle em rebaixar-se ao nivel do burro ou do cavallo, que pasta! Se a ultima neve caída se assimilhasse ao maná dos israelitas no deserto! Ella porém nem sequer tinha a faculdade de estancar-lhe a sede que o abrazava.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Feto y Macho. — Effectivamente o senhor é o demônio. É cabeçudo e tem cabeça, e em presença do que

a certeza de a reconstruir completamente, e comtado deixa alguém de a reconhecer por lhe faltar um bocadinho? Perden-se um m, paciencia; um dia d'estes fizeram-nos coisa mais grave, perderam-nos um conto de réis, como podereis ver pela carta de curador X dos orphãos.

Uma curiosa. — Não, minha senhora, não lhe diremos quem é o auctor dos *Enigmas pittorescos*. Pode V. Ex.^a empregar todos os recursos do seu espirito para nos arrancar esse segredo terrivel que nós resistiremos sempre. Pode cantar como a sereia aos nossos ouvidos, que nós tapal-os-hemos não com cera como fez o porealhão do sabio Ulysses, mas com algodão em rama; não lh'o diremos, curiosa, não lh'o diremos, filha de Eva, não lh'o diremos, Psyché do Mondego, não, não e não. E não lh'o diremos por cem razões; a primeira é porque o não sabemos. Deseja conhecer as outras noventa e nove?

NOTA. — Por falta de espaço retiramos uma grande parte da correspondencia.